



## **A Fragmentação do Discurso Classista na Propaganda de Partidos Socialistas: Um Estudo de Caso do Partido Socialismo e Liberdade<sup>1</sup>**

Tomaz Affonso Penner<sup>2</sup>

Flávia Celeira Cortez<sup>3</sup>

Jéssica Almeida Francês Vasconcelos<sup>4</sup>

Luená Mitié Takada Barros<sup>5</sup>

Paola Maíra Gomes Caracciolo<sup>6</sup>

Fábio Fonseca de Castro<sup>7</sup>

Universidade Federal do Pará

### **Resumo**

Este trabalho tem como principal objetivo analisar a aparente contradição existente entre os partidos da esquerda radical brasileira e a sua propaganda. Essa contradição consiste no fato de esses partidos, ainda sob perspectiva marxista, defenderem uma revolução liderada pela classe trabalhadora como única alternativa de superação do sistema de produção capitalista e, por outro lado, apresentarem essa mesma classe trabalhadora fragmentada em sua propaganda.

**Palavras-chave:** Contemporaneidade; Socialismo; Política; Fragmentação; Propaganda.

### **1. A CONTEMPORANEIDADE E A QUESTÃO CLASSISTA**

Jean-François Lyotard, filósofo francês, definiu a pós-modernidade como a era da incredulidade em relação às metanarrativas (1989). Ou seja, as visões totalizantes da história são desacreditadas no sentido de despedaçar regras gerais de conduta ética ou política, por exemplo. Esse clima de fragmentação alcança a esquerda e conceitos como a luta de classes, e traz mudanças nessas concepções.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no IJ 06 – Interfaces Comunicacionais do XI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte realizado de 17 a 19 de maio de 2012.

<sup>2</sup> Aluno-líder do trabalho. Recém-graduado em Comunicação Social, habilitação em Publicidade, pela Universidade Federal do Pará. tomazpenner@gmail.com

<sup>3</sup> Recém-graduada em Comunicação Social, habilitação em Jornalismo, pela Universidade Federal do Pará. flaviacelcortez@gmail.com

<sup>4</sup> Graduada em Comunicação Social, habilitação em Multimídia, pelo Instituto de Estudos Superiores da Amazônia. jvasconcelos@museu-goeldi.br

<sup>5</sup> Recém-graduada em Comunicação Social, habilitação em Jornalismo, pela Universidade Federal do Pará. lbarros@museu-goeldi.br

<sup>6</sup> Recém-graduada em Comunicação Social, habilitação em Jornalismo, pela Universidade Federal do Pará. pcaracciolo@museu-goeldi.br

<sup>7</sup> Orientador do trabalho, professor do curso de Comunicação Social da Universidade Federal do Pará. fabio.fonsecadecastro@gmail.com



O abandono de ideais modernos provenientes do Iluminismo, que nutrem uma “ilusão” de mundo perfeito no amanhã, de caminho para um lugar melhor, acabou criando uma contemporaneidade completamente variável, relativizada, instável e liquefeita. Não há mais certezas ou grandes ideologias, o mundo tornou-se fluido. A definição proposta por Bauman no que se refere à fluidez, detalhadamente esclarecida na obra *Modernidade Líquida* (2001), tem reflexo na construção da identidade na contemporaneidade. Analise-se sob a perspectiva do trabalho. Se antes havia donos de fábricas e operários, hoje com a terceirização, internacionalização e avanço das inovações tecnológicas na produção e na prestação de serviços, agora se observa fragmentação nos padrões de emprego e de rotinas trabalhistas. Antes as relações produtivas eram estáveis e mudavam pontualmente, com o rompimento das ordens anteriores. Agora, o capitalismo reestrutura essas relações e reagrupa os indivíduos sistematicamente em um modelo produtivo completamente fluido, que se atualiza o tempo inteiro.

O que todas essas características dos fluidos mostram, em linguagem simples, é que os líquidos, diferentemente dos sólidos, não mantêm sua forma com facilidade. Os fluidos, por assim dizer, não fixam o espaço nem prendem o tempo. Enquanto os sólidos têm dimensões espaciais claras, mas neutralizam o impacto e, portanto, diminuem a significação do tempo (resistem efetivamente ao seu fluxo ou o tornam irrelevante), os fluidos não se atêm muito a qualquer forma e estão e estão constantemente prontos (e propensos) a mudá-la. (BAUMAN, 2001: p. 08).

A metáfora define claramente a transição do período moderno para o pós-moderno. Se antes as idéias totalizantes e “utópicas” definiam o pensamento de mundo, na contemporaneidade a realidade está fragmentada. O sistema produtivo se adaptou, como previram Marx e Engels (1998), para que as relações sociais fossem indefinidamente sobrepostas e efêmeras. Para que as pessoas não tenham tempo para pensar e definir seu lugar na sociedade, para que um trabalhador sequer consiga se identificar com outro trabalhador.

### 1.1. FRAGMENTAÇÃO: GRANDE E PEQUENA POLÍTICA

O sujeito em crise e desesperançoso não vê mais sentido em lutar pelas grandes causas, com as quais muitas vezes ele já nem se identifica. Esse processo gera o esvaziamento político e enfraquecimento no debate dos macrodiscursos. O italiano Antonio Gramsci definiu as lutas corriqueiras desvinculadas de um projeto totalizador



como “Pequena Política”. São abordadas questões parciais incapazes de convergir em algo maior. As lutas das minorias, do acesso à terra, liberdade sexual, igualdade entre gêneros, moradia, saúde, igualdade racial, educação, emprego, tornam-se várias demandas fragmentadas e se perdem na burocracia estatal e se despolitizam à medida em que não se conectam. No outro extremo está a “Grande Política”, que busca alternativas para a sociedade a partir da exposição de problemas universais, nunca particulares. É por meio da Grande Política que a sociedade vislumbra possibilidade de transformações radicais em seu sentido mais amplo.

Grande política (alta política) - pequena política (política do dia-dia, política parlamentar, de corredor de intrigas). A grande política compreende as questões ligadas à fundação de novos Estados, à luta pela destruição, pela defesa, pela conservação de determinadas estruturas orgânicas econômico-sociais. A pequena política compreende as questões parciais e cotidianas que se apresentam no interior de uma estrutura já estabelecida em decorrência de lutas pela preponderância entre as diversas frações de uma mesma classe política. (GRAMSCI, 2001: p. 21).

O que se observa na contemporaneidade é a substituição dos discursos classistas, transformadores e universais pelo levantamento de bandeiras e reivindicações menores. O espírito social hoje é, aparentemente, mais reformista e menos revolucionário. Observa-se, portanto, a supremacia da Pequena Política em detrimento da Grande Política. Um espaço cada vez menor para um debate autônomo, que chegue às massas como alternativa universal à fragmentação experimentada na contemporaneidade (GRAMSCI, 2001).

## 1.2. UMA VIA ALTERNATIVA

É importante compreender porque essa fragmentação ocorre e de que maneira ela interfere na compreensão das classes sociais. O sociólogo francês Michel Maffesoli, em sua obra *O Tempo das Tribos* (1998), discorre sobre a falácia que considera ser a associação entre o fim do político e o retraimento para o indivíduo.

Fica entendido que “a identidade” diz respeito tanto ao indivíduo quanto ao agrupamento no qual este se situa: é na medida em que existe uma identidade individual que vamos encontrar uma identidade nacional. (MAFFESOLI, 1998: p. 117).

Em uma etapa inicial, a massa é disforme, reagrupável, continente de todas as coisas e de todos os seus opostos. Contemporaneamente, o autor francês defende que é possível, apesar disso, haver uma reapropriação real dos elementos da massa, após os



testes primários, que ele próprio considera incivilizados e apolíticos. É possível, a partir daí, criar uma política que não se debruce mais sobre o “eu”, mas sobre o “nós”, sobre a possibilidade de estar junto e lutar junto pelas identificações mais profundas que foram retiradas e incorporadas da massa pelos indivíduos.

A substituição do “sujeito-ator” por um “encaixe de objetos” é exposta em *O Tempo das Tribos* (1998: p. 131), como analogia à possibilidade de reagrupamento. Segundo Maffesoli, existe nas pessoas um desejo de estar em conformidade com o grupo e de interagir com ele. A existência de diversos grupos sociais contemporâneos é resultado disso, e podem servir de estaque para o esmagamento proporcionado pela ordem econômico-política e social.

Essa autonomia, ao contrário da lógica política, não se faz “pró” ou “contra”. Ela se põe, deliberadamente, à parte. Isso se exprime por uma repugnância ao enfrentamento, por uma saturação do ativismo, por uma distância do militantismo; todas coisas que podem ser observadas na atitude geral das novas gerações diante do político, e que são encontradas até mesmo no seio desses caçulas da temática da liberação que são os movimentos feministas, homossexuais ou ecológicos. (MAFFESOLI, 1998: p. 158).

Essa nova organização ressurgiu com força na contemporaneidade e tem razões principalmente afetivas, não sendo proeminentemente essencial ou social. Utilizaria mecanismos de identificação, e a fusão entre os indivíduos ocorreria em momentos de êxtase, que mesmo pontuais, podem caracterizar a atmosfera de uma época. Maffesoli associa esse cenário com a sociedade espetacularizada onde se vive hoje, é possível observar a sua sintonia. Nesses momentos cruciais de afogamento dos grupos, é possível que microdiscursos individuais tomem grandes proporções e se tornem representativos de uma coletividade, mesmo que atomizada.

### 1.3. AS REFORMAS REVOLUCIONÁRIAS

A partir desse contexto de desarticulação política e dos grandes projetos sócio-econômicos, os indivíduos passam a se identificar e a se organizar enquanto minorias e, conseqüentemente, por causas minoritárias. Essa conjuntura distancia a possibilidade de uma revolução que estabeleça ruptura profunda com o sistema e implantação de uma nova ordem social, segundo a concepção classista. Sob essa égide, o que se observa são reformas pontuais dentro da ordem vigente. Esse modelo de “transformação”, que *a priori* pode ser analisado negativamente, é assunto controverso para a esquerda. À



medida que os programas e estatutos dos partidos de esquerda radical brasileira defendem a revolução como única via de superação da ordem do capital, intelectuais respeitados, como Carlos Nelson Coutinho, acreditam na idéia do “Reformismo Revolucionário”.

A idéia do reformismo revolucionário — veja bem, eu não diria reformas revolucionárias — é a idéia de que é possível na ordem capitalista, quando existem instituições democráticas, quando existe uma forte participação da sociedade civil, empreender um movimento de reformas que levem a rupturas revolucionárias. Não é que o reformismo revolucionário dispense as rupturas, não. É a possibilidade de que as rupturas se dêem através de reformas profundas. Veja bem, eu não sou contra a social democracia porque a social democracia foi reformista, não. Eu acho que ela foi insuficientemente reformista. Toda vez que a social democracia avançava no sentido de golpear a lógica do capital, de introduzir uma economia política da classe operária, como diz Marx a respeito da fixação da jornada de trabalho, toda vez que isso acontecia, ela recuava e acabava gerindo o capitalismo. (COUTINHO. Revista Cult, nº144, versão online).

Sob essa perspectiva, é possível alterar o sistema por dentro do próprio sistema, com a implementação de reformas que levem a “rupturas revolucionárias”. Seriam mudanças profundas que ocorreriam pontualmente e teriam como resultado a ruptura paulatina com o sistema de produção capitalista. É possível perceber reflexos dessa linha de pensamento na própria organização dos maiores partidos de esquerda radical brasileiros, utilizando-se aqui como estudo de caso o Partido Socialismo e Liberdade – PSOL. É claro que a organização política em questão tem programas unificado, mas existem várias tendências e bandeiras de luta que divergem da concepção classista revolucionária proposta por Marx (1983). Mulheres, negros e homossexuais, principalmente, têm linhas de atuação e espaços de debate distintos nos partidos e isso se manifesta na propaganda política das organizações. Maffesoli coloca que:

Antes as histórias do que a História. Esse poderia ser o maravilhoso segredo a nos explicar a perdurância das sociedades. Para além da ordem do político, grandes conjuntos culturais se sustentam através dos séculos. As culturas grega, latina, árabe e a cultura cristã que nos diz respeito, apóiam-se em uma potência que sempre torna a renovar, fortalecer, redinamizar, aquilo que os poderes tendem a fragmentar, rigidificar e, no fim das contas, destruir. (MAFFESOLI, 1998: p. 115).

Sob essa análise, a apropriação das enormes possibilidades de ressignificação das identidades e o clamor dos discursos fragmentados aparece como solução para as opressões executadas pela ordem político-econômica-social. Por meio de reformas



pontuais, é possível mudar o sistema por dentro, sem revoluções estruturais, violentas, unificadas e impensáveis na conjuntura social completamente fluida experimentada na contemporaneidade.

## **2. O PARTIDO SOCIALISMO E LIBERDADE**

Em 2003, um dos grandes eixos de debate político no Partido dos Trabalhadores envolveu a Reforma da Previdência, assunto que toca os sindicatos e boa parte da militância ligada ao funcionalismo público. Por considerar que a reforma em questão teria caráter privatizante e em dissonância com o discurso petista, alguns parlamentares do partido declararam desde o início do debate que votariam contra – e assim fizeram na votação, que ocorreu em junho do mesmo ano. Os parlamentares contrários à posição da direção do partido foram expulsos e se organizaram em uma nova frente política, que daria origem ao Partido Socialismo e Liberdade (PSOL).

### **2.1. PRERROGATIVAS CLASSISTAS**

Nos dias 05 e 06 de junho de 2010, durante um Encontro Nacional do Partido Socialismo e Liberdade em Brasília, é aprovada a plataforma programática do PSOL. O programa cumpre o papel de ponto de partida para a construção de um projeto estratégico, que daria conta das “enormes demandas históricas e concretas dos trabalhadores e dos excluídos do nosso país”. A plataforma programática em questão enaltece que:

O sistema capitalista imperialista mundial está conduzindo a humanidade a uma crise global. A destruição da natureza, as guerras, a especulação financeira, o aumento da superexploração do trabalho e da miséria são suas conseqüências. Sob o atual sistema, o avanço da ciência e da técnica só conduz a uma mais acelerada concentração de riquezas. A agressiva busca do controle estratégico dos recursos energéticos do planeta está levando à própria devastação destes recursos. A lógica egoísta e destrutiva da produção, condicionada exclusivamente ao lucro, ameaça a existência de qualquer forma de vida. Assim, a defesa do socialismo com liberdade e democracia deve ser encarada como uma perspectiva estratégica e de princípios<sup>8</sup>.

Desse modo, fica clara a intenção de ruptura com o capitalismo por parte do Partido Socialismo e Liberdade. A organização política se mantém, portanto, coerente

---

<sup>8</sup> Partido Socialismo e Liberdade, Plataforma Programática do PSOL, 2010, sem referência de página. Disponível em: <http://psol50.org.br/partido/programa/>



com a idéia original que a construiu no momento do rompimento com o Partido dos Trabalhadores. A grande questão agora é entender qual o processo tático para a ruptura com o sistema do capital. As vias possíveis são: pelo processo eleitoral, meio incrustado nas organizações de esquerda a partir da distensão do regime militar no Brasil; ou por meio da revolução, da quebra brusca com o sistema.

Aqui, além de pontuar a estratégia revolucionária para a superação da ordem capitalista, o Partido Socialismo e Liberdade delimita que essa revolução deve acontecer sob uma perspectiva classista, o que é importante para se compreender a influência marxista desse documento, conforme foi exposto no capítulo anterior. A Plataforma Programática mantém essa linha:

Nossa base programática não pode deixar de se pautar num princípio: o resgate da independência política dos trabalhadores e excluídos. Não estamos formando um novo partido para estimular a conciliação de classes. Nossas alianças para construir um projeto alternativo têm que ser as que busquem soldar a unidade entre todos os setores do povo trabalhador – todos os trabalhadores, os que estão desempregados, com os movimentos populares, com os trabalhadores do campo, sem-terra, pequenos agricultores, com as classes médias urbanas, nas profissões liberais, na academia, nos setores formadores de opinião, cada vez mais dilapidadas pelo capital financeiro, como vimos recentemente no caso argentino. São estas alianças que vão permitir a construção da auto-organização independente e do poder alternativo popular, para além dos limites da ordem capitalista.<sup>9</sup>

Percebe-se, portanto, a perspectiva universal de abrangência do que se entende por “classe trabalhadora”. É ainda a perspectiva classista de Marx, que define classe enquanto local de determinado grupo social ocupa no processo de produção (1983). Ao agrupar lado a lado os trabalhadores do campo, as classes médias urbanas, os profissionais liberais etc., o discurso do Partido Socialismo e Liberdade evoca a existência de uma classe composta por todas essas camadas, que têm em comum o fato de não deterem os meios de produção do sistema capitalista e venderem seu trabalho para a classe dominante.

Sob esse ponto de vista, uma revolução, conforme é proposto na Plataforma Programática, só é possível a partir da unificação dos trabalhadores identificados em uma única classe que combata frontalmente a ordem capitalista. O que se espera da

---

<sup>9</sup> Ibid., sem referência de página.



propaganda do partido é, portanto, que essa unidade esteja representada para que a classe trabalhadora possa se identificar e partir para as etapas de organização.

## 2.2. A FRAGMENTAÇÃO IDEOLÓGICA

Apesar dessa visão universalizante que se poderia supor do Partido Socialismo e Liberdade, pelo que já foi exposto, outro ponto é destacado na Plataforma Programática, que se refere a demandas mais fragmentadas. Ele setoriza a questão classista em células, como é possível observar:

A defesa do socialismo, finalmente, não é apenas a defesa das reivindicações dos trabalhadores melhor organizados, mas a conseqüente busca de incorporação das reivindicações e lutas de todos os setores oprimidos. A luta pelo socialismo é também a luta contra todas as opressões, injustiças e barbáries cotidianas<sup>10</sup>.

Desse modo, a defesa de uma luta universal, apesar de constar no documento em questão e, portanto, na agenda do Partido Socialismo e Liberdade, acaba não tendo espaço devido<sup>11</sup>. Na Parte III – Um programa de ação, de reivindicações dos trabalhadores e do povo pobre e medidas democráticas, anticapitalistas e antiimperialistas da Plataforma Programática, são levantados diversos pontos, como a rompimento com o Fundo Monetário Internacional, redução das jornadas de trabalho e a Reforma Agrária. O que acontece nesse item, no entanto, é que a retomada prática da compreensão universal da classe trabalhadora não aparece. Na verdade, o discurso é fragmentado em alguns setores principais.

Desse modo, as minorias são consideradas e podem se identificar na luta política proposta pelo Partido Socialismo e Liberdade. É possível, portanto, sensibilizar as bases e defender a democratização social. O que se espera, entretanto, é que exista uma linha que costure todos esses setores da sociedade e os identifique enquanto uma classe, conforme defende a própria Plataforma Programática. Segundo Felipe Melo dos Santos, jornalista e militante do Partido Socialismo e Liberdade, em entrevista concedida exclusivamente para a realização desse trabalho, “A forma de unificar o debate numa perspectiva classista revolucionária é implementar estes debates nos sindicatos, para ajudar a conscientizar a classe trabalhadora para que combata as opressões, além de

---

<sup>10</sup> Ibid., sem referência de página.

<sup>11</sup> Espaço devido quando se considera a importância dessa luta universalizante sob uma perspectiva revolucionária, classista e marxista, como foi esclarecido anteriormente.



deixar claro quem são os nossos aliados nesta luta: a presidenta Dilma é uma mulher que se diz feminista, mas não é nossa aliada porque governa para os bancos e não para as mulheres trabalhadoras, porque não investe como deveria na aplicação da lei Maria da Penha. Nesta perspectiva, os negros e negras, as mulheres e os LGBTs da classe trabalhadora são os nossos aliados”.

### 2.3. A FRAGMENTAÇÃO CLASSISTA E A PROPAGANDA DO PARTIDO SOCIALISMO E LIBERDADE

O programa nacional do Partido Socialismo e Liberdade do primeiro semestre de 2011 está disponível na internet. O audiovisual aborda temas como privatização, novo código florestal, reforma agrária e o combate às opressões capitalistas. Nesse último ponto, introduzido com o debate sobre políticas repressoras do estado que levem em consideração os Direitos Humanos, não distingue opressores e oprimidos como detentores e não-detentores dos meios de produção. A classe trabalhadora é fragmentada em células, basicamente representadas por mulheres, negros, homossexuais e indígenas. O discurso é que se defenda os direitos desses setores, mas não se explica como (e se) isso é importante para um plano maior de ação, nem esclarece quais os pontos que os unem.

### 3. TELEVISÃO FRAGMENTADA, AUDIOVISUAL FRAGMENTADO

O formato atual da propaganda audiovisual socialista, na qual se inclui o Programa PSOL 2011, é um reflexo cultural da sociedade contemporânea. Em um mundo mais individualizado, as maneiras de abordagem e a criação de relações com a audiência têm de ser adaptadas. O público demanda uma fragmentação para o estabelecimento de laços e a propaganda reflete isso. Observa-se:

A programação pode, portanto, ter vários sentidos radicalmente diferentes. Ora é o instrumento privilegiado de uma política de televisão geralista, ora é nem mais, nem menos, que o instrumento de uma fragmentação da oferta em função da demanda. Ora ela traduz a vontade de fazer conviverem todos os públicos, coisa que está no fundamento da televisão geralista, ora permite a segmentação de públicos e expectativas, contentando-se em oferecer aquilo que os públicos demandam. (WOLTON, 1996: p. 101).

O que o audiovisual em questão definiu como “minorias” são grupos com os quais a audiência potencialmente se identificará. Na sociedade fragmentada da contemporaneidade, falar para mulheres, negros, homossexuais, idosos ou comunidades indígenas pode ser muito mais efetivo do que se referir a uma grande classe



trabalhadora. Afinal, mulheres, negros, homossexuais, idosos e comunidades indígenas têm problemas e lutas mais identificáveis no dia a dia, como a violência doméstica, diferença salarial, exploração de recursos naturais e arrocho da aposentadoria. São, além de visíveis, problemas com forte apelo social. Já as opressões sofridas de maneira mais generalizada devido ao sistema produtivo capitalista são mais obscuras, uma vez que esses grupos têm dificuldade de se identificar uns com os outros. É muito mais simples abordar a violência contra a mulher, por exemplo, do que tentar traçar um debate sobre a mais-valia e a exploração da classe trabalhadora em um produto audiovisual com cinco minutos de duração.

Levando-se em consideração esse paralelo estabelecido entre os conceitos de mídia fragmentada e mídia generalista abordados por Dominique Wolton, essa hipótese irá se embasar na fragmentação classista experimentada no Programa PSOL 2011 de acordo com as proposições observadas na definição de televisão fragmentada.

### 3.1. AUDIOVISUAL E CLASSE FRAGMENTADOS

A idéia básica estabelecida nessa fragmentação é a tentativa de abordagem de públicos ou populações específicas. Por meio de discursos setorializados, consegue-se atrair a atenção do espectador e evita-se a defasagem da programação, além de garantir a possibilidade de livre identificação do público, o que é extremamente caro à sociedade individualista e democrática contemporânea.

Atente-se ao público pretendido com a fragmentação do discurso classista. Sendo mais preciso, aos públicos pretendidos. A existência desses públicos é fator determinante para o estabelecimento dessa fragmentação. Uma população numerosa, que tenha alguma identificação com o discurso de classes, mas que já não se sinta devidamente representada sem alguma especialização na repercussão midiática dessa ideologia. A simples existência desse público já justificaria a fragmentação enquanto estratégia de abordagem do audiovisual Programa PSOL 2011, que segue uma linha observada na propaganda política dos partidos socialistas em geral.

Segundo Wolton (1996: p. 105), “A televisão geralista joga no certo, nos grandes fatores de identificação coletiva, mas a televisão temática oferece a inovação e a liberdade individual”. Nesse aspecto, é como se o discurso classista estivesse defasado e tentar falar com muitos ao mesmo tempo já não fosse válido. Como se a fragmentação fosse sinônimo de garantia de liberdade individual. É uma estratégia que carece de



reflexão, pois ainda não é possível identificar os efeitos concretos dessa abordagem fragmentada na concretização dos anseios revolucionários do Partido Socialismo e Liberdade.

Na realidade, essa miniprogramação de numerosos canais temáticos nada muda na especificidade dos seus princípios. O primeiro é o de tomar por coisa garantida a segmentação social e cultural, e disso fazer um projeto lucrativo para todos, em vez de perseguir a idéia utópica de um retorno do grande público. As estruturas sociais de gosto, de ganho, de faixa etária existem, e já é suficientemente difícil satisfazê-las sem procurar, além disso, construir uma grade que satisfaça a todo mundo. O segundo princípio é o da liberdade individual: o consumidor é, em princípio, um indivíduo, e é sobre essa singularidade que repousa a relação com a televisão. (WOLTON, 1996: p. 106).

Aqui se pode fazer a analogia do grande público enquanto a classe trabalhadora que se identificava unitariamente. Desse modo, a propaganda Programa PSOL 2011 cumpre uma demanda da sociedade contemporânea, que se refere a respeitar e valorizar as individualidades. É como se essa propaganda fragmentada fosse uma espécie de representação em miniatura dessa sociedade, com seus segmentos e conflitos.

É possível identificar, portanto, um fator sócio-cultural para a implantação da fragmentação. Além de uma nova estratégia de organização da propaganda política socialista, a segmentação aparece como um reflexo da compreensão da individualidade e a maneira pela qual essa individualidade se relaciona com a coletividade. Com o discurso final apresentado no Programa PSOL 2011, observa-se uma tentativa de, após fragmentar, costurar os nichos em uma perspectiva unitária (em “(...) Por tudo isso, o PSOL está ao lado e defende a unidade de todos os que lutam pelos direitos do povo, dos que resistem e contestam as opressões, não aceitam as desigualdades, a dominação imperialista, a destruição do meio-ambiente. Dos que sonham e batalham por uma vida digna”).

### 3.2. A FRAGMENTAÇÃO IDENTITÁRIA

Ao fragmentar a luta de classes em sua propaganda e apresentar demandas segmentadas, o Partido Socialismo e Liberdade estaria agindo de maneira revisionista? A questão merece alguma atenção. Em uma perspectiva classista revolucionária, esse ponto se revela problemático porque durante toda a propaganda, não se fala em ruptura sistêmica com o modelo de produção capitalista a partir de uma revolução de classes, apesar de no final se falar rapidamente em unidade da classe trabalhadora. Ainda segundo Bogo:



O revisionismo, acima de tudo, é uma opção político-ideológica. É fruto de formulações que se dispõem a ir até determinado ponto, mas não a romper com a ordem estabelecida. É aliado de primeira fileira da contra-revolução. (BOGO, 2008: p. 125).

À medida que, apesar de prevista estatutariamente, a ruptura com o sistema capitalista não é apresentada como via no audiovisual Programa PSOL 2011, ele pode assumir caráter revisionista. Pode, além disso, servir como entrave ao processo de tomada de consciência da classe trabalhadora, a partir da apresentação de demandas menores que servirão oportunamente, mas não em um grande projeto de mudança.

Por outro lado, a fragmentação pode revelar um caráter essencialmente reformista à propaganda do Partido Socialismo e Liberdade. A forma de luta apresentada setorialmente pode ser interpretada como um método de alcançar os interesses de categorias distintas e a partir daí, envolver os espectadores. É uma possibilidade de as pessoas se identificarem com o que conseguem sentir no dia-a-dia.

Coloca Ademar Bogo:

As lutas empreendidas por conquistas imediatas ou reformas são fundamentais para o envolvimento das massas nas ações. Sem ação não pode haver revolução. A teoria que se elabora a partir das lutas e de outras dimensões da política, tem o papel de apontar o destino das mesmas. A identidade revolucionária se forma com a prática da teoria e da cultura revolucionária, composta por formas de luta e principalmente pelo pensamento revolucionário. (BOGO, 2008: p. 125).

Desse modo, colocar demandas fragmentadas na propaganda não é romper com o ideal revolucionário e classista, mas uma maneira de alcançar dois pontos importantes: reformas capazes de garantir mais justiça social e iniciar o processo de tomada de consciência das massas a partir da identificação e da sua entrada nos fóruns de debate, discussão e fazer político, centralizados na figura do partido.

Assim, o desenvolvimento da consciência a partir da identificação com as demandas cotidianas e fragmentadas pode ser o início de um processo mobilizador que leva ao aperfeiçoamento dos instrumentos de luta, ao crescimento numérico da militância e a uma conseqüente superação do estágio reformista. Mas como isso poderia acontecer?

### 3.3. A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DE CLASSE A PARTIR DA REALIDADE FRAGMENTADA

Na contemporaneidade, quem constitui o proletariado? Segundo uma perspectiva materialista do sistema de produção global, são aqueles que não detêm os meios de produção (e, portanto, precisam vender a sua força de trabalho). Mas em uma



conjuntura de fragmentação (inclusive na propaganda analisada) exaustivamente apresentada nesse trabalho, como identificar todos os indivíduos não-detentores dos meios de produção em uma classe? Reproduzir a fragmentação da sociedade na propaganda pode ser uma alternativa. Por meio da inclusão nos debates e nas lutas é que os contingentes populacionais começam a se integrar a uma classe social, afirma Bogo (2008: p 139). O autor se utiliza da vivência das organizações camponesas do Brasil para exemplificar essa afirmação, conforme segue:

A classe não é formada pelos camponeses dispersos, mesmo que haja, em certo aspecto, uma organização social localizada, estabelecida naturalmente, que permita que eles se conheçam. Nesse sentido, qualquer iniciativa que se tome, seja no campo da educação, da cultura, ou mesmo de cooperação, por meio da entre-ajuda, são esforços que não constroem a classe nem elevam a consciência para o nível superior. Devido à extensão e diversidade, não se pode considerar que haja uma “cultura camponesa” como também não se pode, na ótica da luta de classes, falar em “educação do campo” sem considerar os camponeses como oposição aos latifundiários e aos empresários do agronegócio. Campo é território onde convivem as diversas forças; classe é gente organizada e em luta. A educação dissociada da organização não potencializa a classe. O ponto central é a organização e, a partir dela, investe-se na formação da consciência de classe. (BOGO, 2008: p. 140).

Desse modo, fica clara a necessidade de organização e conscientização a partir de uma unidade, que pode ser representada pelo partido. Mais uma vez, aparece a importância da propaganda, no sentido de garantir que as pessoas reconheçam essa organização e façam parte dela. Em uma sociedade midiaticizada, a propaganda é fundamental para que se alcance os indivíduos dispersos e lhes garanta a possibilidade de se aglutinar. A partir dessa aglutinação, cada indivíduo terá a possibilidade de se identificar com as lutas que lhes são mais sensíveis e criar o seu próprio processo de consciência e sua realidade de intervenção social.

Segundo Bogo, essa etapa inicial será superada e dará lugar a um estágio de consciência no qual as lutas dos outros segmentos ou das outras classes sensibilizarão a todos. Um momento em que todos os níveis da sociedade perceberão que lutam contra um inimigo em comum, que é o sistema de produção capitalista. Afirma o autor que:

A organização se agrega à formação da classe. Ao articulá-la, a mantém coesa em torno de seus interesses particulares, mas, aos poucos, amplia os seus horizontes e passa a inteirar-se dos problemas das demais classes e, juntas, estabelecem programas de ação. (BOGO, 2008: p142).

É importante, nesse contexto, que as “minorias” passem a se identificar com as lutas umas das outras e percebam que, afinal de contas, não são segmentos minoritários isolados, mas são a maioria na conjuntura contemporânea: um grande grupo explorado



pelo sistema capitalista e pelos detentores dos meios de produção. Bogo coloca ainda que:

O ponto de partida de formação da classe como vimos, é o lugar que as pessoas ocupam na produção, mas que precisa da organização e da articulação dos indivíduos dispersos que vivem em determinado território e também universalmente. A consciência de classe precisa da produção e da assimilação de idéias para que suas propostas se fundamentem na experiência e na ciência. Nesse sentido, a posição de classe derivará da compreensão coletiva que se forma da realidade e da participação no conflito entre as classes para superar a própria sociedade de classes. (BOGO, 2008: p. 144).

É esse o apelo identificado ao final do vídeo Programa PSOL 2011, quando a narração convoca todos para lutarem juntos por dias melhores. A narrativa do audiovisual é ela própria um esqueleto desse processo. Fragmenta a classe trabalhadora para que seja possível criar identificação com os espectadores, coloca pautas particulares em debate e em seguida convoca todos para uma luta unitária. Não se explica como essa luta ocorrerá, não se fala em ruptura com o sistema capitalista ou em revolução, mas as etapas do processo descrito nesse tópico aparecem claramente. Segundo Bogo (2008: p. 145), essa ruptura só será possível com a organização das classes e das forças sociais, que, na etapa avançada do processo de tomada de consciência, estarão unidas e em choque contra a classe detentora dos meios de produção para enfim estabelecer a superação da ordem do capital.

#### **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Após a análise, foi possível perceber que a fragmentação não se trata de uma contradição ideológica na maneira de os partidos socialistas propagandarem seu discurso. É uma maneira de estabelecer laços de identificação com os indivíduos em uma adaptação à realidade contemporânea. Esse é o primeiro processo para que, tocadas por verem suas demandas pessoais expostas na propaganda, as pessoas comecem a se organizar e percebam que a origem de todos os problemas de todos os segmentos sociais existe nas bases do sistema produtivo capitalista.

A partir dessa identificação, pode-se começar a pensar a propaganda como uma primeira etapa. A partir dela, é importante que o processo de conscientização dos indivíduos disputados continue dentro dos espaços de organização do partido. Deve-se estabelecer discussões específicas acerca do que foi tratado na propaganda, para que as pessoas se engajem cada vez mais. Ou então, em um sentido oposto, garantir que a propaganda retrate os espaços de discussão que já existem fragmentariamente na agenda do partido, para que os indivíduos se deparem com eles ao procurar a organização



partidária. E acima disso tudo, é necessário que a organização do partido siga a mesma linha traçada no Programa PSOL 2011. Que as demandas segmentadas sejam expostas e cobradas em estágio inicial, mas que depois seja clamada a unidade de todos identificados em uma única classe que busque pelo rompimento com ordem do capital.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMARAL FILHO, Otacílio. CASTRO-HORÁCIO, Fábio Fonseca. SEIXAS, Netília Silva dos Anjos. (Orgs.). **Pesquisa em Comunicação na Amazônia**. Belém: Editora Scriba, 2010.
- BAUMAN, Zigmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.
- Bogo, Ademar. **Identidade e Luta de Classes**. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2008.
- BOYLE, David. **O Manifesto Comunista de Marx e Engels**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.
- BRASIL. Partido Socialismo e Liberdade. **Eixo Programático**. São Paulo - SP, 1994. 117 p.
- COUTINHO, Carlos Nelson. Sem Democracia não há Socialismo e sem Socialismo não há Democracia. **Revista Socialismo e Liberdade**, São Paulo, Ano I, nº 01, maio 2009. Entrevista.
- DOMENACH, Jean-Marie. **A propaganda política**. ebookLibris: 2005. Disponível em: <http://www.ebooksbrasil.org/eLibris/proppol.html>. Acesso em 28/11/2011.
- ENGELS, Friedrich. **A origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado**. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 1998.
- ENGELS, Friedrich. MARX, Karl. **Manifesto do Partido Comunista**. São Paulo: Editora Cortez, 1998.
- FAUSTO, Ruy. **Marx: lógica e política**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.
- GALEANO, Eduardo. **As Veias Abertas da América Latina**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1978.
- GARCIA, Nelson Jahr. **O que é Propaganda Ideológica**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1982.
- GOMES, Neusa Demartini. **Formas Persuasivas de Comunicação Política, Propaganda Política e Publicidade Eleitoral**. Porto Alegre: Editora PUC Rio Grande do Sul, 2000.
- GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do Cárcere**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2001.
- HOBBSAWM, Eric. **Sobre História**. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 1998.
- \_\_\_\_\_. **Globalização, Democracia e Terrorismo**. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2010.
- LÊNIN, Vladimir Ilitch. **Una Gran Iniciativa**. In: Obras completas. Moscou: Editora Progreso, 1966.
- \_\_\_\_\_. **Acerca de La frase revolucionaria**. Moscou: Editora Progreso, 1976.
- LYOTARD, Jean-François. **A Condição Pós-Moderna**. Lisboa: Editora Gradiva, 1989.
- MAFFESOLI, Michel. **O Tempo das Tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa**. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 1998.
- MARX, Karl. **O Capital: crítica da economia política**. Livro Primeiro. Tomo I. São Paulo: Editora Abril Cultural, 1983.
- MORGAN, Lewis Henry. A sociedade antiga. In: CASTRO, Celso (Org.). **Evolucionismo Cultural. Textos de Morgan, Tylor e Frazer**. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 2005.
- ROUSSEAU, Jean – Jacques. **Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1999.
- SENNET, Richard. **A Corrosão do Caráter**. Conseqüências pessoais do trabalho no novo capitalismo. Rio de Janeiro: Editora Record, 2002.
- WOLTON, Dominique. **Elogio do Grande Público: uma teoria crítica da televisão**. São Paulo: Editora Ática, 1996.

### Sites

<<http://psol50.org.br/>> acesso em 05/08/2011.